

Houve uma pausa oportuna, proporcionando absorção do conteúdo pelo neófito, que acompanhava, sem dificuldade, a linha do claro raciocínio apresentado.

Eu não cabia em mim de admiração, constatando o que me parecia um paradoxo: conceitos tão profundos que emergiam de uma forma tosca, sem a exigente correção da lingüística.

O Amigo Espiritual destacado para acompanhar-nos, percebendo-me a perplexidade, acercou-se mais e, sorrindo, disse-me:

— Recorde o irmão que a delicada plântula rompe a casca grosseira que guarda a semente, ganhando força e vetustez ao sabor do tempo e da sua fatalidade vegetal, como uma débil raiz que com o tempo fende uma rocha...

De imediato, a sábia Orientadora continuou:

— “Pelo menos, nas três últimas reencarnações, você, Lício, viveu experiências femininas, utilizando-se de corpos desse gênero. Na antepenúltima, enredou-se numa trama que a paixão insensata fez enlouquecer. Logo depois, recomeçou para liberar-se das conseqüências danosas que lhe permaneciam como insegurança e necessidade, vindo a fracassar de forma rude. Não há muito, utilizou de toda a força que a atração física lhe emprestava, para usufruir e malsinar vidas que hoje se lhe enroscam, perturbando-lhe a marcha... Os efeitos emocionais lhe dilaceraram as fibras sensíveis da aparelhagem espiritual que modelaram um corpo-presídio, no qual a forma sofre o tormento da essência e vice-versa... Nas três oportunidades, a mercê divina lhe concedeu a escolha livre do corpo — oportunidade redentora —, que foi usado para lesar e fruir, desforçar-se e triunfar, com grandes envolvimento negativos. Agora, o mesmo Amor lhe propõe a redenção pelo reequilíbrio